

FORMAÇÃO DO PROFESSOR COMO AGENTE LETRADOR

**BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.;
CASTANHEIRA, S. F. FORMAÇÃO DO
PROFESSOR COMO AGENTE LETRADOR.
SÃO PAULO: CONTEXTO, 2010. 192 P. ISBN 978-
85-7244-477-4**

Acir Mário Karwoski*

Junges e Karwoski (2002) publicaram um ensaio sem muita sustentação teórica nem prática (porém um ensaio provocador!) a respeito da necessária formação do professor das séries iniciais do ensino fundamental como agente letramentador, ou seja, aquele que promova de forma efetiva as práticas de leitura e de escrita tornando-as relevantes para a formação de cidadãos que por meio da língua (inter)agem na recepção e produção de textos, orais e escritos, de forma dialógica e contextualizada. Utilizei a expressão *letramentadores*, um neologismo, tentando mostrar a relação do termo com a noção de letramento(s). A obra *Formação do professor como agente letrador* chega em boa hora por suscitar a discussão e possibilitar reflexões a respeito das políticas e práticas de formação que ressaltem o trabalho do professor como agente de letramentos, especialmente nas séries iniciais de alfabetização.

A expressão *letrador* pode ter conotação com letras. Mas fica evidente, na obra *Formação do professor como agente letrador*, que se trata de o professor ser agente de letramento. Há muita discussão sendo realizada por aí a respeito do papel dos professores como agentes de letramentos, não apenas o letramento das letras, mas os multiletramentos (ROJO,

* Doutor em Letras – Estudos Linguísticos (UFPR). Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTRM). E-mail: <acirmario@letras.uftrm.edu.br>.

2009). Urge a necessidade de todos os professores envolvidos na Educação Básica serem responsáveis por trabalhar estratégias de leitura de forma a conduzir os alunos para a compreensão e construção de sentidos, não apenas os professores de língua portuguesa. A obra defende que *todo professor é por definição um agente de letramento e que todo professor precisa familiarizar-se com metodologias voltadas para as estratégias facilitadoras da compreensão leitora.* (p. 16).

A obra foi escrita por três autoras. A primeira, professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, atua como docente e pesquisadora da área de letramento e formação de professores na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). É doutora na área de Linguística pela *University of Lancaster* com pós-doutorado em etnografia de sala de aula na *University of Pensylvânia – USA*). Possui diversas obras publicadas, destacando-se as da área de sociolinguística, tais como *Nós chegemos na escola, e agora?* e *A sociolinguística na sala de aula*, ambas publicadas pela Parábola Editorial. A segunda autora, Veruska Ribeiro Machado, é mestre e doutora em educação, tendo atuado como docente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Atuou também em cursos de graduação em Letras e Pedagogia. Atualmente é técnica em assuntos educacionais na Secretaria de Educação Superior (SESU) do MEC, investigando as concepções de leitura em avaliações de larga escala. A terceira autora, Salete Flôres Castanheira, é mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como professora no Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás (UCG). Realizou estudos em Psicologia Evolutiva e da Educação na Universidade de Santiago de Compostela – Espanha. Com essas credenciais, as autoras compartilham com o leitor suas experiências e investigações na área de educação, em especial a questão da leitura e o papel do professor nas atividades de compreensão de textos.

O livro organiza-se em doze capítulos articulados. O primeiro – *Por uma pedagogia da leitura* – sendo introdutório, apresenta dados estatísticos a respeito do analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional no Brasil e discute de forma muito interessante e pertinente a formação de professores e a pedagogia da leitura. Segundo as autoras, o caráter sintetizador da leitura sob a responsabilidade apenas dos professores de língua portuguesa pode vir a explicar os baixos escores que os alunos obtêm nos sistemas de avaliação. Diante da importância

do conhecimento multi e interdisciplinar a que um leitor deve recorrer no ato da leitura com vistas à compreensão, não bastam os conhecimentos linguísticos. É preciso que em todas as áreas do conhecimento o aluno construa habilidades de leitura como ferramenta de apreensão e de construção de sentidos. Para as autoras, *os cursos de formação de professores negligenciam dimensões de natureza mais prática em benefício de uma suposta superioridade de conteúdos teóricos provenientes das ciências humanas.* (p. 17).

O segundo capítulo – *Matrizes de referência para a formação e o trabalho do professor como agente de letramento* – apresenta as matrizes de habilidades de leitura e dos conhecimentos para avaliação do professor desde a educação infantil até o ensino médio. Traz uma exaustiva lista de verbos que precisa ser conhecida dos professores.

O terceiro capítulo – *A mediação do professor na compreensão leitora* – discute a respeito dos protocolos de leitura e descreve um episódio de 60 minutos no qual uma professora e um aluno fazem a leitura de um texto retirado do livro didático de língua portuguesa no primeiro ano do ensino médio. Fica evidenciado que *um bom trabalho pedagógico de andaimagem, na mediação da leitura, pode surtir efeitos muito positivos.* (p. 26). Segundo as autoras, *andaimagem é um conceito metafórico que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz [...] em qualquer ambiente social onde tenham lugar processos de sociabilização.* (p. 26). Na escola, professor e alunos são os agentes. Outro conceito discutido no capítulo é o das pistas de contextualização, ou seja, *quaisquer sinais verbais ou não verbais que, processados juntamente com [sic] elementos simbólicos gramaticais ou lexicais, servem para construir a base contextual para a interpretação localizada, afetando assim a forma como as mensagens são compreendidas.* (p. 27). Segundo as autoras, todas as pistas de contextualização, inclusive as transmitidas por traços prosódicos, cinésicos e proxêmicos, associadas ao componente segmental dos enunciados, são a principal matéria-prima de que se constituem os andaimes. A microanálise das pistas de contextualização permite uma descrição pormenorizada do trabalho de andaimagem. O modelo de protocolos de leitura – com questionamentos e diálogos da professora e com o texto – permitiu para os alunos a construção de sentidos para o texto.

O quarto capítulo – *A leitura tutorial como estratégia de mediação do professor* – apresenta o conceito de leitura tutorial, discute a respeito dos níveis de compreensão leitora e as estratégias de leitura. Segundo as autoras, *o professor deve servir de guia do aluno na leitura dos diversos textos, atuando como seu tutor (daí o termo leitura tutorial), visto que a leitura deve ser compartilhada.* (p. 60). Foi justificado pelas autoras que as estratégias apresentadas são apenas um exemplo de como podem ser desenvolvidas atividades anteriores, durante e depois da leitura.

Os três capítulos seguintes – quinto, sexto e sétimo – são exemplos de aplicação de propostas de leitura tutorial como estratégias de mediação a textos de diversos assuntos relacionados a várias disciplinas. São apresentadas e amplamente analisadas propostas de atividades de leitura com textos de Biologia, História e Geografia. Nestes capítulos, as autoras procuraram explorar textos de disciplinas pertencentes às séries finais do ensino fundamental e do ensino médio, com *a intenção de mostrar aos professores que a leitura é uma atividade que requer habilidades específicas que devem ser desenvolvidas em todas as disciplinas, visto que cada conteúdo requer a mobilização de estratégias diferentes para que ocorra a compreensão.* (p. 89).

No oitavo capítulo – *Professor letrador nos anos iniciais do ensino fundamental: iniciação ao trabalho científico* – há uma discussão a respeito da importância do letramento científico e da etnografia da prática desse letramento. As autoras apresentam os quatro níveis de letramento científico da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE): letramento científico nominal; letramento científico funcional; letramento multidimensional em ciências e letramento científico. *As práticas de letramento científico fundamentam-se na tese de que o conhecimento do senso comum, do cotidiano, permite aos alunos interagirem de forma significativa com as novas aprendizagens. Torna-se então necessário cuidar da qualidade dessa interação, utilizando estratégias de ensino que possam ajudá-los na aquisição dessas aprendizagens.* (p. 93).

A exemplo da proposta de leitura tutorial, os quatro capítulos seguintes – nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo – apresentam descrições e protocolos de práticas de sala de aula tendo como fundamento de reflexão a sociolinguística interacional. Segundo as autoras, *a ação pedagógica fundamentada nos princípios da sociolinguística interacional e nas estratégias de andaimes contribui com o avanço da Zona de*

Desenvolvimento Proximal de Vigotsky por meio da intervenção e do monitoramento cuidadoso da professora, favorecendo a construção do conceito científico. (p. 143). Fica evidenciado, assim, que é possível alfabetizar letrando; mas essa prática exige do professor pensar e agir de forma interdisciplinar.

O livro encerra sem uma conclusão, apenas com as notas e bibliografia, dando-nos a impressão de que a conversa ainda continua. E precisa continuar. Conversa que precisa mostrar e convencer a muitos professores que não acreditam que podem ser agentes de letramento. A obra destina-se a estudantes em formação inicial (cursos de licenciatura), pedagogos e estudantes de magistério bem como professores em formação continuada de todas as áreas do conhecimento que atuam na Educação Básica. Os professores precisam conhecer as concepções de leitura e dominar as técnicas e protocolos de leitura, tais como as propostas de leitura tutorial e/ou de letramento científico, amplamente discutidas e muito bem apresentadas no livro.

Esta obra não propõe uma nova pedagogia de ensino; retoma de forma muito inteligente as concepções (socio)linguísticas e os pressupostos da etnografia de sala de aula para mostrar como é possível a um professor ser agente de letramento; discute de forma crítica e muito pertinente possíveis reformulações que podem vir a acontecer nas práticas de ensino de leitura pelos professores. Assim, a obra destina-se também aos agentes (re)formuladores de políticas públicas de educação.

Sem dúvida, todos os professores precisam estar familiarizados com as diversas estratégias facilitadoras da leitura, apresentadas e discutidas de forma inequívoca na obra. Os exemplos apresentados no livro são mostra de que é possível o professor ser agente de letramentos, não apenas o letramento das letras. Para que isso ocorra, é preciso, dentre outras ações, inserir estudos linguísticos, especialmente as teorias da leitura nos cursos de formação de professores. Sem dúvida, novas pesquisas em sala de aula e nos cursos de formação inicial e continuada de professores devem nos mostrar que é preciso investir na formação prática do professor como agente de multiletramentos no atual contexto das tecnologias de informação.

REFERÊNCIAS

JUNGES, K. S.; KARWOSKI, A. M. Professores das séries iniciais do ensino fundamental: alfabetizadores ou letramentadores. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, PR, v. 1, n. 1, 2002, p. 101-104.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Recebido em 25/08/10. Aprovado em 08/09/10.